

# Incidência da realidade social no trabalho analítico<sup>1</sup>

Virginia Leone Bicudo<sup>2</sup>

Resumo: A realidade social se insere inevitavelmente na situação analítica através das personalidades do paciente e do analista. Entretanto, as posições de paciente e de analista são diametralmente opostas. Enquanto o paciente revive suas experiências pretéritas no relacionamento com o analista, este se utiliza da técnica psicanalítica para obter um conhecimento sobre a realidade psíquica elaborada sob a influência de fatores míticos e místicos, ideológicos e doutrinários, científicos e tecnológicos, em suma, sob a elaboração de processos das estruturas sociais.

## 1. Introdução

Nossa atenção dirige-se em primeiro lugar ao enunciado do tema – Incidência da Realidade Social no Trabalho Analítico –, o qual, tomado ao pé da letra, nos permitiria contestá-lo com duas frases: o trabalho analítico só pode acontecer em uma realidade social e, conseqüentemente, a incidência da realidade social no trabalho analítico seria de 100%, considerando-se ainda que o termo incidência sugere uma avaliação estatística e quantitativa. Entretanto, como a dúvida constante caracteriza a atitude científica, sempre aberta a críticas e à revisão das teorias e técnicas, mesmo em se tratando de fatos aparentemente evidentes, o tema em pauta é indicativo de que há uma problemática sob o aparente óbvio do enunciado. Em termos gerais, a problemática que o tema nos sugere pertence ao campo de interação entre os processos sociais e os processos psíquicos, tema, aliás, há muito focalizado por psicanalistas, sociólogos e antropólogos. Abordaremos o problema em pauta sob dois aspectos: a realidade

1 Relatório, tema oficial do IX Congresso Latino-Americano, Caracas, julho de 1972.

2 Diretora do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Professora contratada da Universidade de Brasília e professora da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

social levada para o trabalho analítico pelo paciente; a realidade social levada para a situação analítica pelo analista.

## 2. A realidade social do paciente no trabalho analítico

### a) *Processos sociais*

Para que a discussão se promova dentro do mesmo universo de pensamento, achamos necessário conceituar a realidade social de acordo com a terminologia sociológica. A sociologia nos oferece conhecimentos a respeito de como “os indivíduos humanos, separados no espaço e capazes de existirem biologicamente apartados, combinam-se em unidades maiores capazes de ação conjugada, e de como estas unidades maiores se desintegram em suas partes originárias” (Pierson, 1949).

Os processos de integração, de mudança e de desintegração sociais operam em função de distâncias que podem ser toleráveis ou intoleráveis, segundo a relação satisfação-frustração de necessidades vitais e individuais e de exigências grupais. A estrutura social, resultante da experiência de viver juntos, define o *status* e os papéis dos componentes do grupo social. Os modos de sentir, de pensar e de reagir são institucionalizados como maneira certa de ser, e concretizados nos *mores*, nos mitos e nos *folkways*, no costume e no hábito, nas sanções sociais e na lei escrita, no preconceito e nas ideologias. A transmissão de todo esse acervo de produtos sociais ao recém-chegado (recém-nascido ou imigrante) se faz por processos de socialização e assimilação que atuam por meio de expectativas de comportamento apresentadas sob a forma de padrões de comportamento. O aspecto integrativo do processo social está ligado às expectativas de comportamento, as quais introjetadas possibilitam a ação conjugada. A transmissão da herança social, através de expectativas de comportamento, é efetuada primariamente pela família, em contatos íntimos, emocionais e constantes, podendo-se caracterizar as atitudes inadequadas em expressões de rejeição, de superproteção ou de ambivalência. Por sua vez, a criança não recebe a herança social passivamente, porém, reage emocionalmente e reelabora psiquicamente o que lhe é transmitido. Nesse aspecto do processo social encontra-se um fator de mudança social e de ajustamento ou de distúrbio mental funcional. A realidade social, portanto, constitui parte integrante da personalidade.

Os *mores* são constituídos pelos costumes considerados absolutamente essenciais e invioláveis, de caráter sagrado indiscutível e são mantidos com

tenacidade. Constituem o cerne da vida grupal, proporcionando às pessoas um meio de convívio, sem precisar continuamente refletir e tomar decisões a respeito de seu comportamento. A proibição do incesto, da violentação sexual de menores são exemplos de *mores* vigentes em nossa sociedade. O tabu da virgindade vem gradativamente perdendo o caráter de inviolável; o “não matarás” é mandamento que também está perdendo força, observando-se, por exemplo, o terrorismo, a tortura, o esquadrão da morte. A transgressão dos *folkways*, categorizados pelos costumes seculares, acarreta apenas sanções satíricas. Assim, por exemplo, a indissolubilidade do vínculo matrimonial é por uns vivenciada como *more* e por outros é substituída pelo divórcio, pelo desquite e pela deserção. As exigências de respeito aos costumes e aos hábitos é menos rígida, e por isso estes são mais suscetíveis a variações. A moda constitui um exemplo de expressão da variabilidade do costume em nossa sociedade, podendo-se atualmente observá-la na moda “uni-sexo”, na minissaia, no *short*, no “cabeludo”.

Os processos sociais parecem estabelecer uma dinâmica hierárquica, através da qual as sociedades rurais isoladas podem ser classificadas pelo predomínio da cultura de *folkway* de um povo pré-letrado, guiado predominantemente pelo costume cristalizado, apresentando o máximo de estabilidade social e individual, e, com um mínimo de mudança e de desorganização sociais e individuais, no extremo oposto, encontram-se as sociedades civilizadas, constituídas de indivíduos letrados, com alto grau de mobilidade e de comunicação, nas quais o costume não controla os hábitos, e a alteração de *status* e de papéis é fácil, o surto de novos problemas é frequente e o índice de mudança e de desorganizações sociais e individuais é alto.

Um sistema social começa a desintegrar-se quando as soluções anteriormente alcançadas para o convívio não mais se ajustam à situação e dão lugar a descontentamentos amplamente espalhados. Nesses descontentamentos se encontra a força que dinamiza as revoluções e os movimentos de reformas sociais. Os estudos sociológicos referentes aos processos sociais de desintegração têm concentrado suas pesquisas sobre *mores*, *folkways*, preconceitos e “bias”<sup>3</sup> e mais recentemente sobre ideologias.

3 Bias, termo técnico da metodologia e epistemologia, refere-se à distorção da realidade devido à contínua participação do observador no que está observando e por ter ele participado de uma só cultura e sociedade, em uma só época, e por ser essa experiência limitada, em grande parte, aos grupos de que ele participa e também aos acontecimentos de sua vida (Pierson, 1949).

*b) Doutrina, ideologia, ciência*

Os sociólogos têm enfatizado em pesquisas o preconceito e a ideologia, em razão de que essas categorias de fatos sociais se tornaram proeminentes nos processos sociais. Os preconceitos e as ideologias cristalizam-se em estereótipias culturais, isto é, em crenças e em ideias para justificar a conduta em relação a uma categoria, seja em base de preconceito, amor ou de preconceito-ódio. Focalizando a doutrina da ideologia, Hollitscher refere que

alguns estudiosos encontram sua origem no passado, com Francis Bacon (1620), o qual apontou o crônico erro e a distorção subjacentes aos “ídolos” prevalentes das tribos. Marx e Engels (1846) usaram o termo ideologia para especificamente referir às crenças elaboradas e promulgadas pela classe capitalista, a fim de justificar sua posição favorecida na sociedade. Influenciado por Marx e Engels o movimento chamado sociologia do conhecimento (Mannheim, 1936) tem se concernido com toda ideologia tendente a derivar e a justificar um corpo de valores determinados por considerações irracionais ou quase racionais. É interessante notar que, nos dias presentes, o uso do termo está perdendo o sabor de hipocrisia. Quando Marx jamais teria chamado o comunismo de ideologia, hoje é habitual assim denominá-lo. Falamos mesmo de ideologia democrática e cristã sem implicação derogatória. (1950)

Devido à observação de que frequentemente encontramos na literatura psicanalítica e científica, em geral, o emprego arbitrário dos termos ideologia, doutrina e teoria da psicanálise, achamos necessário atender à definição dos termos.<sup>4</sup>

4 Larousse du xx<sup>e</sup> Siècle, Tome Quatrième, Libraire Larousse, Paris, 1928. Ideologie (de Idée, et du gr. logos, discours).  
Science des idées. Système qui considère les idées prises en elles-mêmes, abstraction faite de toute métaphysique. Système d'idées constituant une doctrine politique ou sociale e qui inspire les actes d'un gouvernement ou d'un parti. En mauv. part.  
Doctrine qui prône un idéal irréalisable; paroles ou conduite inspirées par une telle doctrine.  
John Locke, philosophe anglais, 1632-1704. Dans “L'essai sur l'entendement humain”. Locke a pour but de déterminer les limites de l'entendement humain, et de faire voir devant quelles questions il doit s'arrêter. Il réfute dans un premier livre, la thèse des idées innées, qui, sous prétexte d'innéisme, laisse place à l'arbitraire de l'inspiration personnelle. Plus il étudie les matériaux de nos connaissances, qui sont les idées de sensations, ou qualités perçues par les sens, et les idées de réflexion, ou idées des facultés de notre âme: Il suit de cette analyse que nous ne pouvant avoir aucune idée des substances ou essences des choses”.  
Dictionary of Britannic World Language: Ideology: 1. The ideas or kind of thinking characteristic of an individual or groups, specifically the ideas and objectives that influence a whole group or national culture, shaping especially their political and social procedure: German ideology. 2. The science that treats of the evolution of human ideas (ideo+logy).

A sociologia define a ideologia como um sistema de pensamentos, que podem ser lógicos ou errôneos, e, quando objeto de estudo científico, as indagações se dirigem para a pesquisa sobre as causas e os mecanismos de sua produção, sem os objetivos de acreditá-la ou desacreditá-la (Hollistscher, 1950).

Uma doutrina é a teoria que nunca foi posta à prova. É teoria em que se tem fé, é dogma. O crente de determinada doutrina pensa que aquilo que deveria acontecer no mundo real, segundo sua doutrina, tem de acontecer, e se não acontecer o indivíduo emprega todas as suas energias para que aconteça (Pierson, 1949).

A teoria é uma hipótese que foi posta à prova e provou ser válida, ao menos em determinadas circunstâncias. Tornou-se aceita pelos estudiosos, dentro do mesmo universo de comunicação e continuará a ser aceita enquanto representar o conhecimento que se tem da natureza e do comportamento do fenômeno em questão. Quando não descrever com precisão tudo aquilo que se conhece sobre o fenômeno, terá que ser modificada ou substituída por nova hipótese, a fim de abranger os novos conhecimentos (Pierson, 1949).

Referindo-se às relações entre ciência, ideologia e utopia, Armando Ferrari pronuncia-se nos seguintes termos:

O problema da ideologia poderia ser esclarecido se introduzirmos a conceituação de Mannheim (1958), a qual nos possibilita uma nova dimensão conforme o esquema: considerando como ponto de partida a realidade social poderíamos escalonar a ciência, a ideologia e a utopia. Ao nível da praxe, a meu ver, existem inter-relações entre as categorias ciência-ideologia, o mesmo podendo ser dito a respeito de ideologia-utopia. Esses pontos de intersecção são muito significativos. A ciência operando em uma determinada realidade social pode ser utilizada para vários fins, entre outros, o da ideologia total (social) da mesma sociedade. Trabalhando nesse contexto, o cientista deve sofrer certas pressões ideológicas totais, que poderiam caracterizar sua conduta de maneira peculiar, resultante do conflito entre as exigências opostas atinentes à ciência – e à ideologia total.

A ideologia total é um dado que permeia toda a realidade social e, portanto, é indissociável, da qual o cientista não pode subtrair-se, mas da qual se protege utilizando-se do método científico e assim diminuindo a área de influência da ideologia.

O caráter de crença subjacente nos pensamentos ideológicos e nos doutrinários os distingue do pensamento científico, este baseado em hipóteses testadas

e teorias sistematizadas, mantido sob a atitude de dúvida, e sujeito a revisões e reformulações, em função de novas evidências. Como ciência pura, a psicanálise não comporta os pensamentos ideológicos e os doutrinários, não lhe cabendo, portanto, a denominação de ideologia ou de doutrina. Uma ideologia ou uma doutrina são objeto de estudo da ciência. Ao estudar um sistema ideológico de pensamento, diz Hollitscher: “o cientista examina as causas sociais que conduzem à produção e ao consumo de dito sistema” (1950). Podemos falar de uma “ideologia psicanalítica”, que deve ser objeto de estudo por parte de psicanalistas e sociólogos, e que é constituída por um sistema de pensamentos, obtidos da psicanálise, porém com o fim de preservá-los ou refutá-los, sem pesquisa, mas com tenacidade emocional.

Estivemos discorrendo sobre alguns conceitos sociológicos, tendo em vista focalizar a atenção dos psicanalistas sobre os processos sociais que entram na elaboração da realidade social. A personalidade é largamente determinada por fatores sociais e é por meio dela que o paciente leva para o trabalho analítico a realidade social, dentro da qual se moldou e em função da qual vive. Seus anseios e suas angústias, o que espera da análise e o que não espera estão baseados nos *mores*, nos ideais, nas frustrações e nas reivindicações, manifestos em seus padrões de comportamento, em seu modo de sentir, de reagir e nas ideologias individuais e sociais que fervorosamente defende. Até que ponto os processos sociais de organização e desorganização sociais não somente modificam o comportamento, mas também a organização psíquica é pergunta que o sociólogo se propõe, e responde afirmando que a sociologia não possui técnica para penetrar na intimidade da mente dos seus pesquisados. A técnica psicanalítica, tendo acesso aos níveis inconscientes, poderá trazer contribuição para esclarecimentos sobre a interação entre processos sociais e processos psíquicos.

### c) *Síntese*

A família tem papel preponderante no processo de socialização da criança, por atuar por meio de um contato íntimo, emocional e contínuo, durante a infância, isto é, no período de maior plasticidade física e psíquica do ser humano. A transmissão da herança social (*mores*, mitos, *folkways*, costumes, hábitos, crenças, linguagem, significados culturais, ideologias) faz-se por meio da expectativa de comportamento, a qual introjetada permite a ação conjugada do grupo. A realidade social assimilada pela criança e pelo imigrante passa a constituir parte integrante da personalidade, definindo-se os *status* e os papéis dentro da estrutura social. Os processos sociais de integração, de mudança e de

desintegração refletem-se na vida mental, sob a forma de integração psíquica, conflito e distúrbio mental.

A realidade social comporta elementos que permeiam todas as camadas sociais, e que são considerados essenciais e invioláveis para a vida grupal, enquanto outros elementos apresentam variações em função das ideologias individuais e subgrupais.

Na situação analítica, o paciente encontra o ambiente propício para apresentar-se portador da realidade social que assimilou e da realidade social em que vive.

Tornando-se proeminentes nos processos sociais, as ideologias têm sido objeto de estudos sociológicos e psicanalíticos. Definidas como um sistema de pensamentos tendentes a justificar um corpo de valores, as ideologias podem ser classificadas em individuais, quando correspondendo somente às necessidades psíquicas de seu portador, e sociais quando correspondem ao consenso de grupos sociais. Frequentemente encontramos, na literatura psicanalítica e científica em geral, o emprego arbitrário dos termos ideologia, doutrina e teoria para categorizar a psicanálise. Constituída por um corpo de teorias obtidas pela aplicação da técnica psicanalítica, a psicanálise distingue-se da doutrina (conhecimento baseado em dogmas) e da ideologia (conhecimento derivado de crenças ou da ciência e mantido para o fim de estabelecer coerência entre o comportamento e a realidade social).

A personalidade, sendo resultante da interação de processos biopsicossociais, coloca o analista sob a contingência de ao mesmo tempo que é participante da realidade social, desta tem de abstrair-se quando em situação analítica.

### 3. A realidade social do analista na situação analítica

Conforme descrevemos no capítulo anterior, os processos sociais determinam as estruturas da realidade social, na qual, via de regra, o paciente e o analista tiveram suas personalidades moldadas e da qual ambos participam. Do paciente é esperado que, em situação de análise, mencione tudo quando ocorrer em seu pensamento. Por meio da associação livre de ideias ele revive em transferência suas angústias e seus conflitos atuais. Para o analista em trabalho seu reviver será contraproducente. Ao contrário, o analista deve utilizar-se de um *splitting* que lhe possibilite separar-se de sua realidade social, da qual compartilha em outros papéis que não o de psicanalista, e que incluem seus preconceitos, suas idiossincrasias e preferências, suas ideologias: religiosas,

raciais, políticas e pseudocientíficas. Deve ainda desenvolver, durante o trabalho analítico, a percepção sobre as emanções do inconsciente, em função de conflitos infantis não solucionados, para ser capaz de certo grau de autoanálise ou pelo menos autocontrole.

Toda pesquisa científica requer do pesquisador qualidades e qualificações técnicas desenvolvidas em longos anos de cursos de especialização. Os pesquisadores, cujo objeto de estudo é a pessoa, confrontam-se com sérios problemas de ordem metodológica. O fato de pesquisado e pesquisador pertencerem à mesma categoria de seres humanos traz ao psicanalista a vantagem de poder colocar-se na situação do paciente para entendê-lo. Por outro lado, porém, a familiaridade com os problemas humanos tem a desvantagem das limitações da escotomização, das estereotípias e dos envoltimentos emocionais. Para proteger-se dos aspectos limitadores da falta de *insight*, e de envoltimentos emocionais, além do recurso ao *splitting*, o analista procura reduzir ao mínimo o número de variáveis que introduz na situação analítica, por exemplo, o quanto possível não se dando a conhecer como pessoa.

Apresentamos algumas considerações sobre as premissas básicas da técnica psicanalítica (associação livre de ideias, do lado do paciente e abstenções do analista concernido com a interpretação calcada sobre a transferência), sob a pressuposição de que aquelas premissas constituem o universo comum aos psicanalistas. Procuramos até aqui tecer considerações gerais sobre questões implícitas no enunciado do tema, tentando responder às seguintes perguntas: Como ser humano, pode o psicanalista desprender-se de sua realidade social? Que aspectos de sua realidade inevitavelmente estão presentes em seu trabalho? Que aspectos de sua realidade social são incontrolláveis? Como, porém, o aspecto que mais polêmica tem desenvolvido entre os psicanalistas se refere à ideologia, reservamos as páginas seguintes para focalizar o analista em face de problemas ideológicos.

No intento de incluir o pensamento representativo dos psicanalistas em geral, solicitamos aos colegas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo que nos enviassem seus pontos-de-vista sobre o tema em apreciação, no que fomos atendidos por Armando Ferrari, Luiz Miller de Paiva e Gecel Sztterling. Não havendo tempo hábil para proceder da mesma forma com as sociedades sediadas fora de São Paulo, recorreremos a consulta bibliográfica, e para esse fim Eduardo Kalina nos enviou cópia dos trabalhos que foram assunto de um simpósio na APA.



a) *O psicanalista frente a problemas de categoria ideológica*

As ideologias político-sociais tornaram-se proeminentes nos processos sociais, fato que despertou a atenção dos sociólogos e, mais recentemente, a atenção dos psicanalistas. Como objeto de pesquisa o estudo da ideologia refere-se à pesquisa de pensamento (certo ou errado), para justificar a conduta em relação a uma categoria de fatos. O pensamento científico distingue-se do pensamento ideológico, na medida em que é baseado em um corpo sistematizado de teorias e hipóteses mantidas em função de renovações constantes impostas por novas pesquisas, enquanto o pensamento ideológico (certo ou errado) é tenazmente defendido em função de preconceito-amor e preconceito-ódio, ou em outras palavras, em função de fusões patológicas ou adequadas entre impulsos de vida e de morte.

O ser humano está sujeito às injunções de não poder erradicar de si as fantasias inconscientes e de, em certo grau, inevitavelmente transformar o conhecimento científico em pensamento ideológico. Quando, por exemplo, afirmamos que a abordagem técnica de um paciente sob intenso narcisismo e impulsos destrutivos consiste em formular uma interpretação que incentive o ego a retomar contato com seus sentimentos de autoestima, não estaremos movidos por uma ideologia a respeito de valores referentes à vida e à morte?

A fim de proteger-se da própria realidade psíquica e social, o pesquisador utiliza-se do método científico, duvidando e pesquisando mesmo sobre fatos evidentes e aplicando uma técnica que, o quanto possível, lhe possibilite isolar psiquicamente seus desejos e preconceitos, suas crenças e ideologias, assim deixando a mente livre para a formulação do pensamento científico.

De acordo com as premissas da técnica psicanalítica, por meio da associação livre de ideias, o paciente leva para a situação analítica sua realidade social, passada e presente, em versão individual, isto é, psiquicamente reelaborada. De outro lado, é exigido do analista abster-se de incluir na situação analítica a própria realidade social, pois, inevitavelmente, também foi submetido aos processos de interação entre o social e o psíquico, por meio dos quais se desenvolve a natureza humana. Sua formação nos cursos de psicanálise visa, sobretudo, torná-lo um indivíduo diferenciado quanto às capacidades de *insight*, de tolerar angústia, de ser continente de identificações projetivas, de reparação e de ter, pelo menos, autocontrole sobre os próprios preconceitos e as suas ideologias. Entretanto, se podemos indicar algumas das qualidades desejáveis

para as funções de psicanalista, não podemos afirmar que a formação psicanalítica torne alguém totalmente consciente sobre o universo do inconsciente.

Baranger (1971) define a ideologia: “todo o sistema de ideias abstratas (conscientes e inconscientes) cuja função é dar conta da realidade e da ação do homem sobre essa realidade, abarcando tanto os conhecimentos científicos quanto os sistemas filosóficos ou religiosos, as concepções éticas, estéticas e políticas”. Concordamos em parte com a definição de Baranger, pois destacamos alguns aspectos sobre a distinção entre ideologia individual e ideologia social (total). Embora ambas tenham a função de integrar as fantasias inconscientes e as relações de objeto em um mundo mais ou menos coerente, os processos de interação diferem quanto à ausência ou existência de reconhecimento social. Se a função da ideologia é alcançar coerência e integração entre as realidades internas e externas, o conceito de ideologia não cabe no conceito de ciência, cujo objetivo é obter conhecimento sobre as leis psíquicas do inconsciente e os mecanismos operantes naquela função, mesmo quando a pesquisa concluisse que determinado conceito ideológico é científico. Por essa razão, consideramos impróprio o termo “ideologia científica”, impropriedade que pode trazer confusão. Ainda há a consideração de que “ideologia” é termo que pertence à terminologia sociológica, o que implica que a psicanálise poderá contribuir para o estudo psicológico profundo de um fato socialmente elaborado e grupalmente aceito e/ou rejeitado, sem, porém, excluir a dimensão sociológica. O conceito de racionalização, pondera Hollitscher,

parece proporcionar a contrapartida psicológica ao conceito sociológico de ideologia, pois ambos lançam luz sob os sistemas de ideias e opiniões. Assim, a validade das opiniões depende da perspectiva das pessoas que as sustentam – perspectivas de ordem sociológica no caso das ideologias, e de ordem psicológica no caso das racionalizações... Afirmava-se que processo da racionalização era o mecanismo que conduzia à formação de ideologias. A psicanálise nos tem familiarizado com o fato de que muitas das razões que os indivíduos alegam para explicar seus pensamentos e ações são tão-somente pretextos que se manifestam, quando o verdadeiro motivo operante não pode tornar-se consciente. A racionalização serve para preencher a lacuna que deixa em nossa argumentação a omissão do motivo inconsciente. A função da psicanálise não é a de estabelecer a correção de uma racionalização inadequada, mas a de analisar o mecanismo que a fez surgir... Ao se considerar ideológico um sistema de pensamento,

significa que estão sendo examinadas as causas sociais que conduzem à produção e ao consumo de dito sistema.<sup>5</sup> (1950)

O momento histórico caracteriza-se por mudanças sociais ocorrendo intensa e rapidamente, em consequência da industrialização e do desenvolvimento tecnológico, transferindo-se a ênfase das ideologias religiosas para as ideologias de classe social e de etnias. Em circunstâncias em que a crise social, consequente ao obsoletismo do modo de ser, reforça ideologias sociopolíticas, o cientista humanista passou a centralizar suas pesquisas sobre os aspectos mais proeminentes do processo de desintegração social e individual. Em que extensão mudanças de estrutura social podem modificar a estrutura psíquica? O psicanalista poderá contribuir para responder a indagações dessa ordem na medida em que se conserva pesquisador na relação com o assunto pertinente, na extensão em que não for emocionalmente dominado pela invasão dos conflitos ideológicos externos ou trazidos pelo paciente e, portanto, na medida em que permanecer lidando com o problema psicanaliticamente. Em outras palavras, em situação analítica, o analista não é religioso, agnóstico, político, apolítico, racista ou antirracista – ele é o pesquisador.<sup>6</sup>

As críticas dirigidas contra a psicanálise – psicanálise em crise, psicanálise de torre de marfim, psicanálise omissa frente a uma conjuntura social – exigem a atenção do analista em relação a seu *status* e seus papéis sociais. A nosso ver, há uma confusão consequente à indiscriminação entre os papéis do psicanalista pesquisador e do psicanalista aplicador da ciência, e a não diferenciação da psicanálise como ciência pura, distinta da psicanálise como ciência aplicada, e psicanálise transformada em ideologia. Como ciência pura, a psicanálise tem o

5 Referindo-se à posição da Psicanálise na abordagem das ideologias, Caruso a considera “meio para a crítica das ideologias e meio para captar as próprias racionalizações ideologicamente condicionadas. O analista não tem que tomar posição frente a seus pacientes com respeito a questões do modelo social; deve fazer psicanálise e sócio-análise” (1971).

6 A objetividade do analista, afirma Etchegoyen, “pode também estar perturbada a partir de seus compromissos ideológicos. É este um campo de perturbação que deve ser isolado da neurose de contratransferência, porque coloca problemas que devem ser resolvidos não só pela investigação psicanalítica senão também pela sociologia. O problema técnico se configura quando o analisando se acredita endoutrinado pelo analista. Definimos a ideologia como um processo de distorção o que o interesse impõe ao pensamento” (1971).

Enviando-nos seu ponto de vista, Luiz Miller de Paiva enunciou-o nos seguintes termos: “O analista não deve sair de sua posição interpretativa diante da realidade social. Sendo a psicanálise ciência do inconsciente, deve o analista mostrar ao paciente o que se passa no seu inconsciente, em face da realidade político-social. Ao lado da realidade política, temos a situação atual de liberdade sexual. As jovens que usam da liberdade sexual como pretexto para agredir os pais ou os preconceitos estão sob ação do tanatismo. Contudo, por amor amadurecido, a atividade genital em moça solteira pode ser interpretada pelo analista como fator libídico e, portanto, progressista em nossa cultura”.

objetivo de estudar e de pesquisar sobre o inconsciente, e é quando é criticada como ciência omissa. Como ciência aplicada tem por fim aplicar a técnica e o conhecimento em benefício do indivíduo e da coletividade.

O conhecimento alcançado pela técnica psicanalítica é colocado à disposição da cultura, a qual o incorpora ou o repele, parcial ou totalmente, em função da estrutura sociocultural. Assim, conceitos sobre a sexualidade infantil divulgados por Freud, que na época foram vivamente repelidos, hoje estão socialmente assimilados e aculturados. Enquanto o objetivo da ciência pura consiste na aplicação da técnica psicanalítica para fins de pesquisa e de ensino, a psicanálise aplicada procura desenvolver meios de tornar seus conhecimentos utilizáveis ao nível interdisciplinar, e ao nível sociocultural. Quando o analista está trabalhando nesses tipos de aplicações, está fora da situação analítica e, portanto, utilizando-se de outras técnicas.

Uma das áreas de divergência entre os psicanalistas refere-se à aplicação da psicanálise à psicoterapia de grupo. Considerando que os mecanismos psíquicos, a transferência e a resistência não operam somente na relação bipessoal da situação analítica, mantemos o ponto de vista de que a técnica psicanalítica pode adaptar-se à análise de grupo, isto é, à análise de pessoas interagindo com o analista e, concomitantemente, dispendo de outros componentes do grupo para continente da transferência e das identificações projetivas.

Achamos oportuno reproduzir o pensamento de Roheim a respeito da relação entre a psicanálise e a antropologia:

um indivíduo não existe, no vácuo, e num senso o indivíduo é tanto uma abstração quanto o é a sociedade. Se dizemos, portanto, que a psicologia do indivíduo é, até certo ponto, condicionada pela sociedade, é também verdade que a sociedade é condicionada pelo aparelho psicológico, mais ambiente e mais história ... Todo progresso de crescimento e de desenvolvimento do homem pode ser visto sob o ângulo de mudança de condições sob as quais a adaptação tem lugar e de mudança de métodos usados para preencher as exigências da realidade. Mesmo aquelas defesas que não são primariamente dirigidas para o mundo exterior, acerca de obstar impulsos instintivos, todas ao mesmo tempo modificam as atitudes do indivíduo para com a realidade... Esperamos que aquilo que a análise nos tem ensinado sobre as dialéticas de comportamento racional e irracional nos possa ser útil como modelo para o entendimento e o tratamento do fenômeno social em larga escala. (1950)

Em seu trabalho “Comentários sobre a ideologia psicanalítica”, Garbarino (1971) apresenta cinco características da “ideologia psicanalítica”, as quais desejamos comentar, no intuito de enfatizar que aquelas características, enquanto ideológicas, não se referem à psicanálise na categoria de ciência. A valoração da sexualidade é a primeira característica ideológica considerada pelo autor. A respeito desejamos destacar o fato de que o conhecimento científico alcançado pela psicanálise não constitui em valorar ou desvalorar a sexualidade, senão em pôr em evidência os caracteres sexuais e as etapas de desenvolvimento. Na assimilação sociocultural do conhecimento científico obtido pela psicanálise surgiram as ideologias de valoração positiva ou negativa de ética de outras formas de usar ou repelir as contribuições da ciência pura. Em qualquer campo do conhecimento a ciência pura é desinteressada dos aspectos pragmáticos da ética, da religião, dos preconceitos etc. À guisa de ilustração podemos citar o invento das pílulas anticoncepcionais, que em si não é moral ou imoral, mas amoral, e seu uso regulado por princípios religiosos, éticos e pela lei, de acordo com processos socioculturais.

Na segunda característica, Garbarino considerou as relações entre os sexos afirmando que a psicanálise reconhece à mulher o direito de emancipar-se da tutela do homem, em consequência da superação da alocação narcísica do pênis. O próprio autor localiza a causa da emancipação da mulher em função de um processo sociocultural de operação da valoração narcísica do pênis, isto é, da assimilação de um conhecimento divulgado pelo analista e, portanto, não devido ao reconhecimento da psicanálise na forma de direito. O *status* e os papéis da mulher na sociedade são determinados pela estrutura social.

A terceira característica ideológica apresentada por Garbarino refere-se à aceitação da inveja e da destrutividade por parte do analista. Essa aceitação é decorrente de *insight* e de integração psíquica, em cuja base se desenvolve uma ideologia sobre a inveja e a destrutividade. Se evidências quanto à inveja e a impulsos destrutivos como constituintes da natureza humana são alcançadas pela técnica psicanalítica, esta, entretanto, não estabelece o destino sociocultural do novo conhecimento; enquanto ciência aplicada pode influir, ainda sem determinismo, nos métodos educacionais, na legislação criminológica, e assim por diante. A quarta característica sublinha o ideal de autenticidade da “ideologia psicanalítica”. Segundo nossa posição, consideramos o ideal de autenticidade como atitude característica da mente do cientista, treinada para a aplicação do método científico. Finalmente, Garbarino indaga “se a psicanálise é uma ideologia reacionária ou burguesa”. Baseada em teorias e hipóteses de trabalho

a serem testadas, os adjetivos de reacionária ou burguesa não cabem como atributos da psicanálise, porém se estivermos preocupados com pensamentos ideológicos, a teoria psicanalítica pode ser reformulada em conceitos de ideologia reacionária, burguesa ou revolucionária.

A revolução que se estendeu e vem estendendo-se na mudança do costume, sem possibilidade de controle científico ou antecipação de como será amanhã; a revolução que se estendeu ao campo da educação e da moral dependem da incorporação (não somente) cultural de conhecimentos psicanalíticos, mas esta por sua vez depende de processos sociais, que ainda escapam a qualquer espécie de determinismo científico. Assim como existe uma evolução no sentido de uma ideologia favorável à psicanálise, existe também uma ideologia desfavorável, que se utiliza de conhecimento científico para fins destrutivos. Reelaborada ideologicamente, a psicanálise pode ser utilizada tanto para progresso como para regressão. As ideologias desenvolvem-se em função de estruturas sociais e espelham-se em condutas significativas.<sup>7</sup>

Bion (1971) tem-se preocupado em equipar o analista de recursos para protegê-lo do risco de estar sob o engano de produzir pensamento ideológico e usá-lo como pensamento científico. A fim de averiguar a qualidade de suas interpretações, organizou uma “grade” para classificar em categorias o material do paciente e as interpretações psicanalíticas. As categorias abrangem desde a formulação do pensamento mais rudimentar até a científica.

Abordando o problema do analista dentro da realidade social que o rodeia, Gilberte R. de Garcia Reinoso (1969) coloca as seguintes questões: “se sua atividade profissional se desenvolve livremente em um mundo perturbado, ou se sua liberdade é uma suposta liberdade; se não é isolamento, em consequência do mundo que o rodeia, e se assim for, é produto de sua responsabilidade, isto é, esse isolamento é um papel ativo a serviço da ordem estabelecida”. Quanto ao aspecto técnico, a autora assinala a importância de situar a teoria e a prática psicanalíticas em seu contexto real social, exemplificando com a situação em que aderir ou não aderir são formas de incluir o papel político. A autora nos lembra um aspecto de relevante importância, quando a realidade externa se

7 Distinguindo entre pensamento científico e pensamento ideológico, Grinberg define-se com clareza e precisão: “De nossa parte, pensamos que a análise é uma teoria científica que se ‘ideologiza’ em sua prática ... A ideologia deveria ser ‘conscientificada’ pelo analista e instrumentada teoricamente. Um analista sem ideologias, como sem contratransferência, seria um robô ... Tomamos o termo ideologia em sua acepção mais corrente, como um modo de ver o mundo, em função de uma convicção sociopolítica valorativa das estruturas socioeconômicas e de seus conflitos, porém que, a nosso juízo, incluem em cada indivíduo fantasias inconscientes específicas” (1971).

impõe ao analista pressionando-o, seja para dar uma contribuição que não tem, seja para obstar a contribuição que pode fazer. É obvio que a liberdade profissional distinta da liberdade para pensar cientificamente, em regimes totalitários, pode ser tolhida. O que, porém, é incompatível com a atitude científica, é analista enganar-se que aderindo ou rejeitando uma greve, estaria preservando sua liberdade de pensamento. Se realmente estiver internamente livre, enquanto não houver sanções sociais proibitivas prosseguirá trabalhando conforme os requisitos técnicos, e mantendo seus esquemas de atendimento segundo as necessidades de cada caso. Assim, por exemplo, embora os horários de trabalho sejam costumeiramente adaptados ao calendário geral, o analista pode organizá-lo de acordo com a realidade exigida pela situação de trabalho.<sup>8</sup>

A orientação técnica, que preconiza ao analista abster-se de incluir na situação analítica sua realidade social ideológica, não implica alienação social. Esse isolamento analogamente corresponderia à assepsia que o cirurgião deve observar em função de um fato que independe de suas ideologias. Se a abstenção do analista é assepsia prejudicial à ciência analítica, que se indiquem, de modo objetivo, os inconvenientes técnicos e se definam as novas premissas. Os argumentos de que a técnica analítica aliena o analista seriam válidos para toda a pesquisa realizada até o presente, posto que o analista sempre se eximiu de incluir na situação analítica sua realidade social referente a pontos de vista pessoais, preconceitos, ideologia religiosa etc.<sup>9</sup>

O papel do analista enfrentando os problemas sociais da época atual, afirma Grinberg, “para uns encerra o perigo de afastar-se da situação analítica, e para outros é contribuição indispensável à psicanálise, pois ideias e teorias novas permitem novas abordagens e suscitam interrogações” (1970). A nosso ver, as duas posições mencionadas por Grinberg são adequadas, desde que sejam

8 Ulloa refere-se a esse problema “Em certo momento configura-se que um número considerado mínimo de sessões semanais garante que um tratamento é psicanalítico, e abaixo desse número é só psicoterapia. O problema não é colocado sobre a norma técnica, mas sobre o caráter de normas acerca das quais existe palpável ‘sentimento’ de que, do ponto de vista oficial da instituição, o não cumprimento constitui uma transgressão” (1971).

9 Pronunciando-se sobre a inclusão, na situação analítica, da realidade político-ideológica, Gecel Sterling expressa-se nos seguintes termos: “Difícilmente o psicanalista pode deixar de ter uma ideologia política, pois seria um alienado em um campo com o qual lida diariamente. Entretanto, sou contra a politização da psicanálise, pois o trabalho analítico deve manter-se o mais estritamente possível no *setting* analítico, seja qual for a realidade social. De algum outro modo, porém, terá possibilidade para dar contribuição no campo social, seja individualmente, seja através de ambulatórios, de programas de ensino e de higiene mental”.

consideradas dentro de seus respectivos contextos, isto é, o trabalho do analista quando em situação analítica e seu trabalho quando fora daquela situação.

Ao concluir sua argumentação, Garcia Reinoso indaga:

se o terapeuta isola ou reintegra os indivíduos à sociedade, e, se os reintegra, o que é sua meta, se é sua reintegração que seja conscientização de seus aspectos agressivos, reconexão com aspectos intoleráveis da realidade e questionamento radical. (1969)

Parece-nos que essa pergunta inclui uma confusão entre a abstenção do analista e a abstenção do paciente, quando, ao contrário de alienar-se, a abstenção do analista visa prover ambiente para que o paciente possa expressar-se o mais livremente possível. A colocação da autora nos lembra a luta do paciente para mudar as atitudes do analista de acordo com seus desejos, propósitos e fantasias, queixando-se continuamente de que o analista se mantém estranho e distante. De fato, o analista não isola e nem integra o paciente na sociedade, pois sua meta é desenvolver *insight*, do qual o paciente fará o uso que lhe aprouver: se integrando, isolando ou combatendo sua sociedade, são assuntos que transcendem aos objetivos do psicanalista. Se a integração do paciente na sociedade for meta do analista, sua técnica deverá ser reformulada.

Segundo o ponto de vista de Gitelson,

A psicanálise enfrenta um período da história caracterizado por angústia, pela ameaça das máquinas calculadoras, pelos líderes ou pelas técnicas políticas que tentam controlar os povos. O psicanalista sente-se tentado a abandonar a exclusividade e o isolamento característicos de seu trabalho; busca, então, a cooperação interdisciplinar e participa de movimentos de massa e em associações populares, para sentir-se protegido e, assim, perde a identidade funcional da psicanálise... A prática psicanalítica é um trabalho solitário, que exige uma enorme capacidade para tolerar as incertezas aguardando os resultados, em lugar de desejar e buscar soluções onipotentes. (1965)

De forma sistemática, Money-Kyrle situa o problema do analista frente à realidade social: “a psicanálise entra para o quadro das ciências aplicadas quando tenta estabelecer o que é verdadeiramente o bem-estar do homem” (1944). O mesmo autor transfere o problema ético do plano filosófico para o científico,



considerando que a filosofia tem a tarefa preliminar de colocar problemas novos à ciência, cabendo a esta responder a eles. A técnica psicanalítica, ainda citando o mesmo autor, permite ampliar os limites do consciente, abrindo para a psicanálise a questão: como são afetadas nossa moral e nossa política, na medida em que nos tornamos mais conscientes?

*b) Áreas institucionais do psicanalista: Sociedade de Psicanálise, Institutos e Associação de Candidatos*

Partindo do fato de que

1. toda sociedade é constituída de indivíduos associados por motivos comuns;
2. reagindo às expectativas de comportamento definidas em padrões;
3. as quais se organizam em estruturas funcionais através de *status*, de papéis e da institucionalização dos modos de sentir, pensar e reagir – a interação psíquica de cada membro da sociedade é tão significativa quanto a estrutura em que se definem o *status*, os papéis e as leis estatutárias para seu funcionamento.

Atentando-se para a realidade de que as sociedades de psicanálise congregam associados com *status* e papéis de graduados em psicanálise e, portanto, com objetivos de classe, enquanto os institutos reúnem elementos com *status* de docente e discente para os fins de formação de novos analistas, o caráter de organização psicanalítica híbrida vem se acentuando. Historicamente vem ocorrendo com a psicanálise o mesmo que se deu em todo o campo da ciência. Para não irmos até a classificação positivista de Comte, entre nós é fato conhecido que os Institutos Biológicos e de Higiene diferenciaram-se da Faculdade de Medicina, o último organizando-se em Faculdade de Higiene. A previsão de que os institutos de psicanálise virão a se constituir em instituto independente ou em faculdade para a formação de psicanalistas foi apresentada por Luiz Galvão (1966), em trabalho no qual discute o programa e a profissionalização do psicanalista, e por David Ramos (1967), considerando a psicanálise uma ciência equidistante da medicina e da psicologia.

A psicanálise não podia ter se desenvolvido de outra forma, isto é, reunindo em um só organismo a sociedade e o instituto. Entretanto, tendo alcançado o *status* de ciência é tempo de nos indagarmos sobre as vantagens

e desvantagens de ser mantida a hibridez, quando cada vez mais se acentuam as diferenciações de funções e objetivos.<sup>10</sup>

No que tange ao indivíduo, o problema de maior significação refere-se às questões de seleção e de formação. Como esses aspectos vêm sendo objeto de estudo e tema de congressos, concentramos nossa atenção sobre os pontos de interação entre indivíduo, sociedade, instituto e associação de candidatos. Focalizando um aspecto perturbador dentro das sociedades e dos institutos, Maria Langer (1971) aborda o problema das divisões em subgrupos rivais contendo o perigo do perfeccionismo e da organização de sociedade de líderes.

No âmbito das sociedades de psicanálise e dos institutos verificaram-se conflitos desenvolvidos em função de pensamento ideológico, como, por exemplo, entre aqueles que restringem o campo da psicanálise à relação bipessoal do “*setting* analítico”, e no extremo oposto, aqueles que propõem incluir as ideologias do analista na situação analítica. Outro exemplo da inclusão perturbadora da realidade social pertinente ao analista didata encontra-se quando se estabelecem relações sociais e íntimas entre analistas da comissão de ensino e candidatos. Nessa situação, o analista didata está sujeito a receber de seu paciente “alusões” referentes a seus pares com os quais também priva socialmente, criando-se, de certo modo, a mesma dificuldade em manter a situação analítica “ascética”, em cidades de pequena população.

Por outro lado, o *setting* analítico pode contaminar os *settings* institucionais, e, nesse caso, os candidatos terão de enfrentar abstenções necessárias dentro da situação analítica, mas que estendidas para fora dela obstam o desenvolvimento do ensino e impedem o crescimento da sociedade analítica.<sup>11</sup>

Os candidatos do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise em São Paulo organizaram-se em uma associação. Essa experiência tem

10 Fernando Ulloa coloca o problema de contaminação dos *settings* institucionais: “O acordo e o *setting* em que se dá a relação analista-analisando constitui um sistema artificial legitimamente estabelecido para o fim de possibilitar o êxito de determinados objetivos ... As disposições que regulam a fronteira da relação analista-analisando tendem a adquirir um alto valor normativo, chegando a gerar ou a refletir-se nas normas que organizam a associação nas quais os analistas estabelecem institucionalmente suas relações. É nessa passagem que o que é artifício técnico legítimo na situação analítica pode gerar uma arbitrária regulamentação das relações institucionais ... As disposições que integram o *setting* analítico tendem a perder o significado de valiosos instrumentos técnicos que possibilitem o processo analítico e comecem a adquirir uma qualidade ritualística administrativa” (1971).

11 David Ramos (1970), ponderando sobre o futuro da psicanálise, conclui: “A psicanálise sofre atualmente um processo crítico de contestação. Os psicanalistas têm a obrigação de localizar os pontos fundamentais da crítica da contestação através da autocrítica, a fim de fazer um levantamento de suas responsabilidades na referida crise. Dado que não se pode separar o método da personalidade do analista, conclui-se que a crise é do psicanalista, e quem está sendo contestado é ele. A contestação do método é consequência”.

se mostrado útil em vários aspectos referentes ao ensino e às relações entre os corpos docente e discente.<sup>12</sup>

*c) As pressões da realidade social*

A teoria psicanalítica em pensamento ideológico poderá concretizar-se tanto em pensamentos favoráveis quanto em pensamentos desfavoráveis à aceitação do conhecimento científico. O psicanalista não escapa dessa realidade, da realidade social que define o *status* em larga escala pela valorização do prestígio do “poder” e do fator econômico; conseqüentemente sua clínica particular é, em grande parte, selecionada em termos de recursos econômicos dos pacientes. Focalizando a solução de conflitos do psicanalista com a realidade social, Abadi coloca “o porvir da psicanálise na dependência da integração que os analistas alcançam entre vida e trabalho” (1971a).

O *status* social da psicanálise varia em função das ideologias favoráveis e desfavoráveis. As ideologias favoráveis à psicanálise frequentemente adquirem um significado idealizado, como, por exemplo, aquele que atribuí ao psicanalista poderes mágicos de “cura” e de penetração na mente dos indivíduos. Uma das conseqüências da idealização se faz sentir no número de profissionais que se intitulam psicanalistas sem a formação em cursos reconhecidos de psicanálise ou com a formação em cursos “proliferadores” de analistas em seis meses ou mais, porém, sempre inadequados para o preparo essencial da personalidade e aplicação da técnica de abordagem do inconsciente. As ideologias desfavoráveis manifestam-se por várias formas de denegrir a ciência, encontrando-se entre outras a afirmação de que a “psicanálise já era”, que o analisando se torna para sempre dependente do analista.

O *status* social da psicanálise não é afetado somente pelo leigo em psicanálise, mas também pelas ideologias do próprio analista. Assim, a profissionalização do psicanalista, que se torna cada vez mais urgente, até mesmo por

12 Do relatório da Diretoria do Centro de Estudos de Psicanálise Luiz Vizzone, Associação dos Candidatos do Instituto de Psicanálise de São Paulo, destacamos: “Todos sabemos que não foi um ano fácil: mal-entendidos, falta de informações, distorções, ansiedades características de todas as situações novas e modificadoras nos levaram a atravessar diversas crises, que vemos hoje terem sido de ‘evolução’. Temos a impressão de estarmos saindo fortalecidos em nosso amadurecimento pessoal e profissional bem como em nossa integração como entidade e com o Instituto ao qual pertencemos. Sem otimismo exagerado, temos a firme impressão de que a nova Diretoria a ser eleita encontrará um clima propício para um trabalho mais sistemático e organizado que contribua cada vez mais para que a formação dos novos psicanalistas se caracterize por um processo de convívio dialético, com evolução constante de todos os seus participantes e se afaste cada vez mais de um modelo unidirecional em que programas pré-fixados são transmitidos e aceitos esteticamente (W. Kenzler, dezembro de 1971).

fatores sociais, encontra barreiras tanto no consenso social como entre os próprios psicanalistas. Para focalizar um aspecto controverso, citamos M. Abadi:

A submissão do analista restringe a psicanálise a seu aspecto médico, negando-lhe a amplitude que tem como ciência antropológica. Os psicanalistas agrupam-se em associações que adquirem rasgos esotéricos e, portanto, a magia adquire uma importância relevante como técnica defensiva frente à atuação paranoide. Como organismo vivo, a psicanálise deve abrir-se (influenciar e deixar-se influenciar) para o mundo, recebendo os estímulos dos progressos científicos e das mudanças sociais. (1971b)

Em São Paulo, o Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise está aberto para a formação de psicanalistas com graduação universitária não somente em Medicina, graças à mentalidade realmente universitária de Durval Marcondes, pioneiro no desenvolvimento da Psicanálise na América Latina.

A América Latina conta com mais uma sociedade na qual, em seus dispositivos estatutários, a formação do psicanalista não é considerada como especialização médica, dessa vez graças à mentalidade científica dos psicanalistas Willy e Madeleine Baranger, que formaram a Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

#### 4. Síntese e conclusões

Discorreremos sobre alguns conceitos sociológicos tendo por fim focalizar os processos sociais na elaboração da realidade social. Através da personalidade, em parte organizada em função dos processos socioculturais, o paciente e o analista levam para a situação analítica a realidade social dentro da qual se moldaram e em função da qual vivem. Entretanto, se ao paciente o *setting* oferece condições para “abrir-se”, não apenas relatando, mas vivenciando a experiência analítica, do psicanalista em trabalho é esperado que se abstenha de reviver, na relação com o paciente, seus modos peculiares e pessoais de “ser”. É óbvio que, como ser social, a objetividade do analista é delimitada pela amplitude do *insight* que o ser humano pode atingir. As premissas da técnica psicanalítica habilitam o psicanalista a se propor a tarefa de o quanto possível evidenciar os elementos primitivos de natureza psíquica subjacentes às elaborações de processos psicossociais.

Para colocar a discussão dentro do mesmo universo, achamos necessário definir os termos ideologia, doutrina e ciência, assim discriminando o que significamos quando nos referimos à psicanálise ideológica, doutrinária ou científica.

Como objeto de investigação, os estudos sociológicos e psicanalíticos da ideologia referem-se à pesquisa sobre as causas e os mecanismos que produzem um sistema de pensamento (certo ou errado, racional ou irracional), para justificar a conduta em relação a uma categoria de fatos. O relatório centraliza suas considerações sobre a ideologia total, como parte da realidade social que atualmente se tornou proeminente nos aspectos econômico-políticos.

Se é impossível ao psicanalista erradicar de si a própria realidade social e psíquica, o método científico instrumentado pela técnica psicanalítica constitui o recurso de redução das variáveis interferentes no *setting* analítico. Atendendo ao fato de que as sociedades de psicanálise e os institutos de psicanálise cada vez mais se distanciam em termos de *status* e de papéis respectivos, consideramos como perspectiva de futuro próximo o desmembramento do organismo que acentuadamente vem desenvolvendo as características de entidade híbrida. Em correspondência a uma conscientização, surge uma nova área institucional, com a organização da Associação de Candidatos. Finalmente consideramos a pressão social sob a forma de ideologias favoráveis e desfavoráveis influenciando sobre o *status*, os papéis e as ideologias do psicanalista, tornando inadiável uma tomada de posição para a legislação da profissão, fundamentada em critérios que reconheçam a quem por direito legítimo cabe intitular-se psicanalista.

Na discussão do Relatório, em reunião da Sociedade Brasileira de Psicanálise, os colegas concordaram com o esquema e com a abordagem de nosso relatório. Os aspectos focalizados durante a discussão foram os seguintes:<sup>13</sup>

- a) O problema de ideologia poderia ser esclarecido, utilizando-se o conceito de “ideologia global”, para compor o esquema: tendo como ponto de partida a social, poderíamos escalonar a ciência, a ideologia e a utopia, esta última prescindindo de qualquer aspecto da realidade.
- b) Foram apresentadas sugestões para que se ampliasse o aspecto referente ao processo analítico, focalizando a experiência no *setting* analítico, a qual só acontece naquele momento e da qual os conhecimentos gerais são inferidos. O elemento constante é a atitude do analista.

13 As intervenções foram feitas pelos colegas: Armando Ferrari, Mário Yahn, David Ramos, Gecel Sterling, Judith Andreucci e Laertes Ferrão. Os comentários de Amazonas Alves Lima, candidata do Instituto, nos foram enviados por escrito.

O analista que aceita o critério de cura funciona como preposto da sociedade e não “permitirá” mudança social sem questionamento. Um estudo cronológico da obra de Freud poria em evidência que o trabalho do mestre foi marcado pelos acontecimentos históricos da época em que viveu, fato que mais uma vez enfatiza as inter-relações nas duas direções – do psíquico para o social e deste para aquele.

- c) Indagações foram apresentadas nas seguintes formulações: se a ideia de transformar o Instituto de Psicanálise em faculdade não é utópica; se para a aplicação da psicanálise ao grupo não é exigido o treinamento específico.
- d) Ao lado das sugestões para uma abordagem mais concentrada no processo analítico, foram feitas sugestões para uma abordagem mais ampla sobre as ideologias político-econômicas incidindo sobre a prática analítica, quando o analista não percebe contradições entre sua ética e a ética do poder econômico.
- e) O psicanalista está sempre trabalhando com ideologias, porém é na ciência aplicada que os conhecimentos são utilizados para resolver problemas práticos, e é quando mais sofre as demandas da sociedade. A psicanálise aplicada leva à profissionalização. A volta para a “análise descobrimento” se faz nos institutos, formando pesquisadores e analistas didatas.

#### **Incidencia de la realidad social en el *setting* analítico**

Resumen: La realidad social se insiere inevitablemente en la situación analítica a través de las personalidades del paciente y del analista. Entretanto, las posiciones de paciente y de analista son diametralmente opuestas. Mientras el primero vive sus experiencias pretéritas en el relacionamiento con el analista, este se utiliza de la técnica psicoanalítica para obtener un conocimiento de la realidad psíquica sob la influencia de factores míticos, místicos, ideológicos y doctrinarios, científicos y tecnológicos, en suma, sobre la elaboración de procesos de las estructuras sociales.

#### **Incidence of social reality in analytical work**

Abstract: the insertion of the social reality into the analytic setting is an inevitable event, as much as it is linked with patient's and analyst's personalities. Nevertheless the patient's and analyst's positions are diametrically opposite. While the patient revives his infantile experiences throughout his relationship with the analyst, the

analyst looks for a knowledge over the psychic reality under the influence of factors such as mythical and mystical, ideological and doctrinal, scientific and technological factors, in brief, under elaboration of processes of social structures.

### **L'incidence de la réalité sociale dans le travail analytique**

Résumé: La réalité sociale s'insère inévitablement dans la situation analytique à travers des personnalités du patient et de l'analyste. Pourtant, les positions du patient et de l'analyste sont diamétralement opposées. Tandis que le patient revit ses expériences passées dans la relation avec l'analyste, celui-ci utilise la technique psychanalytique pour obtenir une connaissance de la réalité psychique élaborée sous l'influence de facteurs mythiques et mystiques, idéologiques et doctrinaux, scientifiques et technologiques, sous l'élaboration de processus de structures sociales.

### **Referências<sup>14</sup>**

- Abadi, M. (1971a). El dilema del psicoanálisis. Simposium da APA, Buenos Aires.
- Abadi, M. (1971b). Hacia un psicoanálisis abierto. Simposium da APA, Buenos Aires.
- Baranger, W. (1971). Interpretación y ideología (sobre la regla de abstención ideológica). Simposium da APA, Buenos Aires.
- Bastide, R. (1948). *Sociologia e psicanálise*. São Paulo: Instituto Progresso.
- Bion, W. R. (1971). The grid. Trabalho mimeografado. Los Angeles.
- Caruso, I. (1971). ¿Sirve el psicoanálisis de coartada social? Simposium da APA, Buenos Aires.
- Etchegoyen, H. (1971). Ideología y trastorno del pensamiento. Simposium da APA, Buenos Aires.
- Galvão, L. A. P. (1956). Sobre o exercício da psicanálise: uma nova profissão. *Jornal de Psicanálise*, 2, 16-22.
- Garbarino, H. (1971) Comentarios sobre la ideología psicoanalítica. Simposium da APA, Buenos Aires
- García Reinoso, G. R. (1969). *¿Violencia y agresión? ¿O bien violencia y represión?* Buenos Aires. (não publicado)
- Gitelson, M. (1965). La actual posición científica y social del psicoanálisis. *Revista de psicoanálisis*, 27. Buenos Aires.

14 As referências foram adaptadas do original conforme as normas da APA. (N. E.)

- Grinberg, L. (1970). Ideas nuevas, conflicto y evolución. *Revista de psicoanálisis*, 12. Buenos Aires.
- Grinberg, L. y Grinberg, R. (1971). Identidad y ideología. *Alter*, 1(4). Brasília.
- Hollitscher, W. (1950). Psicoanálisis y Sociología. Buenos Aires: Paidós.
- Langer, M. (1971). Ideología y idealización. Simposium da APA, Buenos Aires.
- Manhceim, K. (1958). Introducción a la sociología del conocimiento. Madrid.
- Money-Kyrle, R. (1944). Some aspects of political ethics from the psychoanalytical point of view. *International Journal of Psychoanalysis*.
- Pierson, O. (1949). *Estudos de organização social*. São Paulo: Livraria Martins.
- Ramos, D. (1967). Psicanálise, ciência específica, psicanalista-profissão especializada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1(1), 108-115.
- Ramos, D. (1970). A psicanálise e o futuro. Apresentado no VIII Congresso Psicanalítico Latino-Americano. Porto Alegre.
- Roheim, G. (1950). *Psycho-Analysis and Anthropology*. New York: Int. Universities Press.
- Katz, C. S. (1970). *Ciência. Estruturalismo. Psicanálise, Estruturalismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Ulloa, F. (1971) Estrapolación del encuadre terapéutico a nivel institucional, su utilización ideológica y su ideologización. Simposium da APA. Buenos Aires.

Virginia Leone Bicudo  
(1910-2003)